

A MISTERIOSA MULHER DA ÓPERA

AFONSO CRUZ

ALICE VIEIRA

ANDRÉ GAGO

CATARINA FONSECA

DAVID MACHADO

ISABEL STILWELL

JOSÉ FANHA

|||||
casadasletras

1

RODA

1

Ouvi um gemido ligeiro, um som confuso, meio escuridão, que me pareceu a minha mãe a chamar por mim. Deixei cair os braços, ao mesmo tempo, sobre as pernas. Levantei-me do cadeirão onde costumava sentar-me e suspirei. Porém, ao entrar no quarto, senti-o silencioso. A minha mãe estava com o seu ar mais sereno, em certa medida cadavérico, com os olhos fixos no teto como se meditasse. Tinha as mãos pousadas no peito, junto ao coração. Chamei-a baixinho, ela detestava que a acordassem, e não obtive resposta. Voltei a chamá-la, aproximando-me com cautela. Depois, abanei-a um pouco, voltando a abaná-la uma segunda vez. Baixei-me e encostei a cabeça ao peito dela, na esperança de ouvir o coração a bater. Não ouvi nada, era como se tivesse a orelha junto a um relógio sem corda. Apesar disso e de imaginar a possibilidade de ter ficado órfão, não senti nada ou quase nada, nenhuma comoção, nenhuma lágrima. Enfim, escavando melhor a minha alma, talvez tivesse sentido algo, como uma pedra esquecida num sapato. Peguei-lhe na mão, levantei-lhe o braço. Deixei-o cair sobre a cama, paralelo ao corpo. Não sabia o que fazer. Estaria morta? Parecia, mas por vezes não sentimos o pulso das pessoas. Poderia estar a dormir. Ela sempre teve um sono pesado. Estaria a fingir? Ela costumava fingir que dormia quando eu lhe perguntava coisas. Encolhi os ombros. Voltei para a sala, servi-me de um absinto e adormeci no sofá. Acordei horas depois, notavelmente entorpecido, olheiras a raiair os cotovelos,

os olhos encovados como ursos a hibernarem. Passei pelo quarto da minha mãe e voltei a chamá-la. Não obtive resposta. Tentei mais uma vez. Silêncio. Peguei-lhe na mão como havia feito horas antes, mas não consegui levantar-lhe o braço. Está viva, pensei, está a fazer força para baixo.

2

O telefone tocou e eu, enevado como é meu feitio, agarrei no auscultador e encostei-o à barba mal feita. Do outro lado ouvia-se a jovialidade do meu amigo Couto.

– Sim? – perguntei eu.

– Estou perto da tua casa.

– Ah, sim? A fazer o quê?

– A passear. O tempo está bom: a neve cai com abundância, como a loiça mais cara. É sempre ela a mais periclitante, não é? Precisamos de nos encontrar. Por causa da última conversa que tivemos. Não podes continuar assim, perdido no teu esquecimento. Marquei uma consulta para o doutor Bobrov, um grande especialista nas coisas de que sofres.

– Eu não sofro.

– A vida é sofrimento. Não andas atento ao que diz o budismo? A diferença entre o homem feliz e o infeliz é que o segundo sabe a verdade. Vais, sim, senhor. Está marcada a consulta. Amanhã às nove. Passo por aí?

– Encontramo-nos na Brasserie Vivat.

3

No dia seguinte, abri a janela do quarto da minha mãe porque senti um cheiro acre, demasiado forte. O pescoço dela, que antes parecia tão vivo, estava esverdeado, um tom de relva por

aparar. Está mesmo morta, concluí, no entanto, a pele parece tão fresca.

Não senti nada, apesar de sentir que deveria sentir alguma coisa. Olhei-me no espelho, concentrei-me nos meus olhos, para ver se eles choravam, mas não saiu nada. Talvez ela não estivesse realmente morta. Há casos de pessoas que parece que estão a dormir e depois acordam, às vezes já dentro do caixão. Os jornais estão cheios de casos desses.

Vesti um sobretudo cinzento com padrão em espinha e pus um chapéu verde-escuro. Desci a rua da minha casa, atravessei o largo e entrei na Brasserie Vivat. Couto estava sentado de costas, de pernas abertas e recostado na cadeira. Toquei-lhe no ombro, um gesto rápido, voltando, o mais depressa possível, a pôr a mão no bolso do sobretudo. O meu amigo voltou-se, com a sua cabeça imensa, e sorriu.

– Estás bom, pá? Dá cá um abraço.

Couto abriu os braços longos e sólidos e abraçou-me. Eu hesitei porque não sou dado a afetos. É feitio. Fiquei indeciso se deveria tirar as mãos dos bolsos. Quando me decidi, já o abraço tinha terminado.

– Estás mais magro – disse eu.

– Foi de uma salada que comi.

4

Caminhámos dois quarteirões e apanhámos um táxi. Couto mantinha o seu bom humor (é daquelas pessoas que nem sequer têm outro). Eu continuava cabisbaixo, indeciso se deveria tirar as mãos dos bolsos, ou se deveria tirar a minha indisposição da alma.

– Que médico é esse? O nome não me é estranho.

– Conheces, claro. Quem é que não conhece? É um psiquiatra. Que digo? É um mágico! Um taumaturgo! E não é nada barato. Fazes ideia de quanto custa um taumaturgo nos dias de hoje? Já não vivemos no Antigo Egipto. É preciso atualizares-te. Isto agora

é o progresso, é andar para a frente, não é para os lados, como faziam os hieróglifos.

O táxi parou em frente de uma chapelaria. Eu hesitava enquanto Couto me puxava para fora do carro usando apenas o seu bom humor. Entrámos na chapelaria, Couto à frente, meio a gargalhar, e eu atrás, com passos miudinhos.

– Isto é uma loja de chapéus – comentei.

– Bem visto, bem visto. O consultório é lá ao fundo. Bobrov acha que os chapéus são terapêuticos. Faz tudo parte da sua magia. Ele põe um chapéu na pessoa e ela porta-se de maneira diferente. É científico: não há nada que mude mais rapidamente a nossa postura perante a vida do que um chapéu. Não é por acaso que é o objeto que usamos mais perto da nossa cabeça, da mente. O chapéu é a roupa dos pensamentos. E ainda serve momentos tão contraditórios como a meteorologia: um chapéu protege do sol, tal como protege da chuva. Vai de um extremo ao outro, tal como os nossos pensamentos. De um extremo ao outro, Roda, de um extremo ao outro!

Li, em voz alta, a frase que estava por baixo do nome da loja: «O que importa é o que está dentro do chapéu.» Do lado direito, mais uma frase: «O céu é o chapéu do Absoluto (verso Viyhokim).» Do outro lado, do esquerdo, um cartaz garantia uma coisa, uma verdade, talvez a única que é verdadeira. Mais uma vez, li em voz alta: «De uma coisa podemos ter a certeza: as coisas não são como são.» Couto soltou uma das suas gargalhadas.

5

A sala de espera do consultório de Bobrov estava cheia de gente.

– Estás com pressa? – perguntou Couto.

Não respondi.

– O pior do tempo é ter de esperar. É por isso que existem estas salas com revistas desatualizadas, que, por coincidência

kafkiana, costumam ficar antes dos consultórios médicos e logo a seguir à nossa paciência. Dá para ter uma ideia de que o Purgatório é que é um inferno.

Uma senhora, que se abanava com um leque, disse a Couto:

– Há pessoas que ouvem a voz de Deus, ao passo que eu tenho-me comunicado com um Einstein que se alojou no meu pavilhão auricular esquerdo. Porque é que os senhores estão aqui? Ou os senhores não estão aqui?

– Estamos, estamos.

Concordei com um ligeiro gesto da cabeça.

– E queixam-se do quê? – perguntou a senhora.

– Este meu amigo aqui ao lado – respondeu Couto – esqueceu-se da felicidade. E a senhora?

– Queixo-me de Santo Agostinho quando dizia que o tempo não existe senão na nossa perceção.

– Ah, o tempo! É o grande inimigo do peixe fresco – interveio um senhor muito pequenino. Mal se via atrás do leque da senhora. – Repare no que o tempo nos faz, repare nesta cabeça: cabeluda como um ovo – disse, passando a mão pela careca.

– É verdade que Cronos pode ser devastador para a nossa beleza – comentou a senhora do leque –, mas, por outro lado, compensa-nos com falta de visão. Nunca chegamos a ver muito bem o que é que aconteceu com a nossa cara.

– Discordo! – exclamou o senhor pequenino. – Uma pessoa contaminada pelo tempo pode usar óculos.

Do consultório saiu um senhor velhíssimo, de chinelos, a arrastar as ideias pelo chão. Parou perto de Couto, fitou-o durante uns segundos pendurados na sua lentidão e perguntou-lhe:

– Já ouviu falar na lei da gravidade?

– Claro. Sempre cumpri essa lei.

– Não tem piada. A gravidade, tal como o nome indica, é uma coisa séria. Uma lei muito amiga do tempo e das bengalas. O pescoço – continuou ele – é a melhor maneira de começar a cabeça. Mas diga-me: onde está o meu pescoço? Bateu no icebergue do tempo e foi-se afundando nos ombros. O tempo faz muito mal às

costas. Faz-nos encurvar e depois passamos a vida a contemplar o chão que será o nosso derradeiro leito. O tempo obriga-nos a olhar para o nosso futuro, que fica, como se sabe, debaixo da terra. Não é curioso que andemos todos a pisar o nosso próprio futuro?

– E o das outras pessoas também – concordei eu.

O senhor muito pequenino, afastando o leque do caminho, asseverou:

– É como este senhor diz: não se valoriza o dia de amanhã. O passado é muito bonito, mas o futuro é muito mais moderno. Já repararam como o passado está fora de moda? Homens com caras medievais, casas em forma de caverna, roupas perfeitamente mesopotâmicas.

– Aliás, o passado só serve para nos arrependermos – concluiu a senhora do leque.

– Quando era novo – disse o homem que andava com os seus chinelos a pisar o futuro –, passava os dias à procura de Deus. Até tinha comprado umas botas e tudo. Mais tarde percebi que são raros os homens que falam suficientemente baixo para que Deus os possa ouvir. Eu nunca fui um homem desses. Mas acredito no Paraíso, apesar de correr o boato de que não tem uma segurança social tão boa quanto a dinamarquesa. Mas é do tempo que eu gostaria de lhe dizer umas coisas: ele tende a acumular-se na barriga e nas artérias. O tempo pode até ser medido em mg/dl. O senhor sabia que a felicidade humana está acima dos 200 mg/dl? Muito acima. Mas tenho sobrevivido. Nesta idade, quem não tem cão, caça com espingarda.

– Não seja tão negativo, senhor de chinelos – disse Couto. – Vá desfrutando do caminho. Nos dias de hoje, anda tudo tão rápido que não se vê a paisagem. O destino de Ulisses não era Ítaca. Ítaca era a viagem, o verdadeiro destino era a viagem, disse Kavafis.

– A paisagem que se desfruta pelo caminho é uma coisa muito sobrevalorizada – contrapôs o senhor muito pequenino. – Por mim, evito-a. Vou direto ao destino onde normalmente se podem comprar bons postais. E porque é que o caminho há de ter melhor paisagem do que o destino? Se fosse assim, o caminho é que era o destino e ninguém ia passar férias às Maldivas, ficávamos pelo

mar, a ser comidos pelos tubarões, tal como fazem os naufragos. O que é que esse Kadhafi percebe de férias na praia?

– Kavafis – emendou Couto.

– Nunca usei relógio – disse o senhor que pisava o futuro. – Olhe para este pulso completamente nu. Sinta-o, não se acanhe. Os relógios, como diria Einstein, são muito relativos. O tempo mede-se é com o coração. Quando ele para de fazer tiquetaque, acabou-se o tempo!

6

A senhora da receção, redonda como um prato visto de cima, caminhou em direção a uma porta longínqua, no fundo do corredor. Desapareceu por lá, reaparecendo, ainda redonda, para anunciar a minha vez.

– É a nossa vez, Roda. Levanta-te! Partimos para dentro daquela sala, mas aquilo não é só uma divisória, um capricho arquitetónico. É o jardim do Início. Vais reencontrar a felicidade ali dentro. O doutor Bobrov é um deus.

Segui o entusiasmo do meu amigo Couto e entrei no consultório com uma espécie de sorriso.

– Doutor, faça lá as suas bruxarias com o meu amigo.

Bobrov olhou para mim, ignorando Couto. Eu tinha a sensação de que o conhecia, mas de onde? Esqueço-me de tudo. O homem parecia conhecer-me bem, até me tratava por tu:

– Qual é o teu problema, Roda?

– Esqueço-me de coisas.

Couto interrompeu-o:

– O motivo pelo qual o meu inolvidável amigo está aqui é romântico, lírico, um ato de extrema beleza: no outro dia, já lá vão meses, apaixonou-se. daquelas paixões infinitas e inacabáveis e eternas e isso tudo. Apesar de viver em Paris com a sua santa mãe, tem um apartamento em Lisboa que era do pai. Foi aí, em Lisboa, que aconteceu toda a tragédia desta existência que vê aqui à sua

frente. Ele viu a mulher dos seus sonhos e esqueceu-se da cara dela. Esqueceu-se completamente da cara dela. Já não consegue ser feliz, pois não reconhece a cara da felicidade mesmo que passe por ela na rua.

Bobrov fez um gesto largo com o braço. Um gesto brusco. Couto calou-se.

– Saia. Quero ouvir o seu amigo – disse Bobrov.

– Saio, mas como protesto. Caro Roda, fico à tua espera na loja de chapéus. Sou bem capaz de comprar um, se tiverem tamanhos acima do sessenta. Sabe, doutor, é que eu tenho uma cabeça que dava para viver lá dentro. Ou como diria Berkeley: a nossa cabeça é um condomínio de luxo. É ou não é?

7

O médico, ou taumaturgo, ou lá o que era, disse-me que me ia pôr um chapéu e hipnotizar-me. Ficaria num estado de hipnose muito ligeiro, apenas para que me recordasse do rosto da felicidade. Mandou-me colocar uma cartola na cabeça, que é como se fosse à ópera, para reforçar o momento, e afirmou que, com toda a certeza, eu lembrar-me-ia da cara da tal senhora, da cara da felicidade.

8

(7,6,5,4,3,2,1,0, está a dormir profundamente)

– Lembro-me – disse eu – de o relógio dizer que eu estava ligeiramente atrasado. Corri como pude, aparentemente a andar lentamente, para o São Carlos. Sentei-me e olhei para a plateia, lá de cima, do meu camarote. Tirei uns binóculos pequenos, que a minha mãe costumava usar, e apontei-os para uma jovem, com

ares de casa de campo. Aquela rapariga poderia ser a minha casa de fim-de-semana, pensei eu. Olhei com mais atenção e percebi que estava apaixonado. Nunca vira nada assim: os cabelos pretos, que pareciam velas apagadas, o olhar infantil, que era como uma pergunta.

– Isso, concentre-se na cara dela. Está a recordar-se.

– Não consigo visualizar nada. Não me lembro senão de palavras, não consigo invocar nenhuma imagem. Se a tento formar na minha cabeça sai-me uma obra abstrata, dum cubista qualquer.

– Não importa. Continue o seu relato. A imagem virá naturalmente.

– Enfim, depois de largos minutos a contemplar o rosto da rapariga, desviei os binóculos para o palco e admirei Ester Valdez. Queria ver se aguentava comparações, se poderia relativizar o que via. Mas o que pude observar é que Ester Valdez era apenas uma mulher insípida, apesar da sua perfeição, se comparada com a mulher da plateia. Muitas vezes, as luzes apontam para o lado errado da vida. A ópera prosseguiu através da voz de Ester Valdez, mas, para mim, o espetáculo era a assistência. A rapariga parecia estar acompanhada por um senhor mais velho. Será o pai? Ester Valdez cantava e isso servia-me de música para o que via. A cena era grandiosa: apaixonava-me a ouvir uma das árias mais belas de todos os tempos. Não me pergunte qual era que eu não me lembro. Fiquei ali vidrado durante todo o espetáculo, com os binóculos a apontarem para a rapariga, quase que esgotava todo o meu olhar. No intervalo, com o coração aos pulos, dirigi-me ao bar e pedi um *dry martini* com duas azeitonas. Bebi-o de um trago, e cerrei os punhos. Sei que os pormenores deste relato são a minha imaginação a preencher os espaços vazios. A Natureza abomina o vazio. Não deixa nada por encher. Mas continuarei, apesar de sentir que é tudo vão: estávamos no intervalo e eu ainda só tinha bebido um *dry martini*. Então cerrei os punhos. Vi-a entrar no bar acompanhada pelo cavalheiro mais velho. Não poderia ser pai dela, pensei, é demasiado velho, talvez seja avô. As minhas pernas pareciam líquidas, tal era a escassa solidez com que me mantinha na vertical. Dei um passo na direção dela, mas percebi que só o tinha dado dentro

desta cabeça. Continuava parado com as minhas pernas de água. Gaguejei qualquer coisa mentalmente, enquanto via a rapariga sair do bar. O cavalheiro, o velho, ficou encostado ao balcão. Tinha um ar simpático. Bebi outro *dry martini*, com duas azeitonas, enquanto o intervalo envelhecia e, quase na hora de voltar para a sala, apareceu ela outra vez com aquele vestido de que não me lembro. Mais uma vez, fiquei aterrado, parado, com os olhos marejados. E então pensei: tenho de me recompor, durante o resto do espetáculo concentro-me, volto a adquirir a solidez que os ossos costumam ter. Mas foi pior. Continuei com o coração aos saltos e, à saída, ainda manifestava uma total incapacidade para falar. Quando ela passou por mim, julgo que ainda consegui abrir a boca, mas não aconteceu nenhum som. Via-a desaparecer para dentro de um táxi. Não perdi as esperanças e pensei: amanhã, percorro a Rua Augusta para a frente e para trás. Percorro a Rua do Ouro e toda a Baixa. Farei isso todos os dias. Encontrá-la-ei. No outro dia, levantei-me cansado, apesar de ter dormido bastantes horas e de não ter motivo aparente para estar fatigado. Saí para tomar o pequeno-almoço e, enquanto caminhava, percebi a desgraça que me tinha acontecido. Sabe, doutor, uma pessoa só encontra a felicidade uma vez na vida. E eu tinha-a perdido. Ao descer a rua para o café do Magro (exce-lentes salgados), percebi, ao olhar para quem passava por mim, que me tinha esquecido por completo do seu rosto.

– É perfeitamente normal que esqueçamos os contornos das faces das pessoas que conhecemos, até daquelas que conhecemos melhor. Se uma pessoa tentar lembrar-se da cara dos seus filhos, de um modo objetivo, tem alguma dificuldade.

– Não é a mesma coisa. Eu não a reconheceria na rua.

– De certeza?

– Absoluta. São memórias evaporadas. E é por isso que estou aqui. Na verdade, isto é quase um milagre: a mim custa-me tomar decisões. Cada vez que decidimos ir para a esquerda, perdemos o que está à direita. E perdemos o que está em cima e em baixo e atrás e à frente. Tenho reparado que sempre que decidimos uma coisa perdemos a infinitude de coisas que não escolhemos. A escolha é só uma, mas o que não escolhemos é um terreno infinito. Para

mim, tudo «tanto faz». Sou *blasé* e nada me afeta. Sou completamente desprovido de sentimentos, exceto ataraxia. Por isso, para quem tem dificuldade em escolher (e até em falar, o doutor terá de tomar isto por uma exceção), o facto de estar aqui é insólito.

9

Saí extenuado do consultório.

– Então? – perguntou Couto com um chapéu na cabeça.

– Nada feito.

– As bruxarias não funcionaram?

– Acho que não. Ainda é cedo para dizer, mas acho que não.

Hipnotizou-me uma primeira vez e eu não me lembrei do rosto dela. Depois, hipnotizou-me uma segunda vez. Dessa não me lembro de nada.

– Mas estiveste três horas lá dentro. Paguei uma pequena fortuna para chegares a esse vazio?

– O doutor Bobrov gravou aquilo tudo. Diz que precisa de estudar o que ouviu e de uma segunda opinião de um colega. Disse-lhe que sim e ele marcou-me outra consulta para daqui a uma semana.

– Uma semana? O mundo pode acabar antes disso. Já viste o que andamos a fazer com os tubos de escape? Não dá para abreviar a coisa e teres outra sessão amanhã?

– Impossível. O Bobrov tem muitos clientes. A consulta que ele me marcou será, não no consultório, mas em casa dele. Juntamente com o tal colega. Será uma sessão fora daquelas que ele dá na loja de chapéus.

Passámos na Brasserie Vivat e bebemos umas cervejas. Reparei que os sapatos de Couto brilhavam muito.

– São sapatos novos? – perguntei.

– São. Os sapatos são fundamentais para andar neste mundo metafísico. Mas também são perigosos. Uma vez, uma vizinha (morava no terceiro esquerdo) ficou com o salto preso na passagem

de nível até o comboio chegar. Ela podia ter-se descalçado, mas quem é que pensa em descalçar-se quando vem um comboio contra nós?

– Vou para casa. Estou cansado – disse eu após acabar a terceira cerveja.

– Escusas de me convidar para dormir em tua casa que eu estou num hotel maravilhoso, tem uma janela e tudo. Por azar, não está no meu quarto.

10

Despedi-me de Couto e caminhei para casa. Quando entrei, senti um cheiro insuportável. Servi-me de um absinto e pus música a tocar. Fui até ao quarto e espreitei. A minha mãe estava na mesma (um pouco mais cinzenta), exatamente na mesma posição, com o braço paralelo ao corpo e o outro junto ao coração avariado. O cheiro era nauseabundo. Como é que uma pessoa tem aqueles cheiros dentro dela? É a vida que não os deixa sair, a civilização. Virei as costas e sentei-me no sofá. Aumentei o volume da música. Apesar disso, continuava a sentir o cheiro fétido, quase sólido, que andava pela casa. Pensei que deveria ligar para alguém, mas para as emergências não adiantaria. E, depois, o que pensariam de mim? Talvez devesse ter ligado para a Polícia, mas será que não entenderiam tudo errado? Enfim, decidi que primeiro beberia mais um absinto, para relaxar, para pensar melhor. Bebi quatro e adormeci.

Acordei a meio da noite com um pesadelo, muito nervoso, e fui até à casa de banho lavar o rosto. No dia seguinte, quando entrei no quarto da minha mãe, tive dificuldade em lhe reconhecer a cara. Não é ela, pensei. Toquei-lhe com os dedos, junto ao pescoço, e senti o corpo frio e inchado. Vi duas moscas a abandonarem a boca aberta. O cheiro já nem me incomodava assim tanto, mas peguei na ventoinha da sala e coloquei-a junto ao corpo, virada para a janela aberta.

O telefone tocou. Era o Dr. Bobrov. Podia, através do auscultador, sentir o cheiro a cachimbo que ele exalava. A sua voz estava mais aguda do que no dia anterior, no consultório, e parecia nervoso.

Perguntou se eu tinha a noite livre, que precisava de falar comigo urgentemente. Disse que me iria buscar a casa, se fosse preciso.

